

**André Coelho**  
**CENAS DO QUOTIDIANO**



O restaurante estava à pinha. Ainda assim, conseguiram arranjar mesa. Foi uma sorte. Havia movimento, e muitas vezes em simultâneo, como costumava ser o caso de restaurantes, principalmente no Verão à hora do almoço, numa cidade à beira de água. Mas era tolerável, e até agradável: envolvia uma pessoa de comunidade, daquela vivência humana tão desejada, particularmente nesta época pós-covid. Foi engraçado quando reviram, e recordaram, o poster de dimensões colossais, colocado na cozinha. Parte da cozinha era aberta, portanto à vista do público. À frente do mesmo, o funcionário ia cortando o peixe, preparando-o para a grelha ou para a frigideira, já tão farto de contemplar o poster que já não extraía deste qualquer gozo. Talvez fosse devido ao cheiro a peixe, dia-após-dia-após-dia, que retirava o atrativo de tão produzida imagem. O dito poster, remanescente e, se calhar, realizado em honra ao famigerado calendário de oficina, exibia uma série de senhoras desnudadas, cada uma carregando um peixe. Era como se as filhas das peixeiras da lota tivessem cedido à pressão dos pais, e dos maridos das clientes da lota, a posar nuas com os robalos, os chernes e os atuns, antes de estes serem esventrados e cortados às postas, pelas suas mães, sobre aquelas bancadas enormes em aço inoxidável. Assim a raiar o inqualificável, mas, ainda assim, fonte de inspiração e, discutivelmente, servindo de “apetizer”.

Depois de rirem um pouco à volta do poster, ele pediu atum, e ela sardinhas. A comida, essa, não ofendia, antes pelo contrário. No entanto, tornou-se notório, a certa altura a meio da refeição, que a conversa da mesa do lado estava a ganhar espaço sonoro, insinuando-se pelo campo auditivo das mesas vizinhas. Nessa mesa, sentavam-se a mãe, filhas e neta. Tinham chegado num carro grande, assumido de grande cilindrada, guiado por um qualquer pequeno magnata local, com dinheiro e discutível gosto. Sendo os gostos indiscutíveis, ou por não ter fome, o condutor e sua viatura limitaram-se a deixar as senhoras no restaurante e seguiram caminho, dobrando a esquina para não mais serem avistados. Elas, em todo o caso, dispensavam introduções, pois falavam em tom e em volume que garantia a atenção dos demais. Para eles, sentados na mesa imediatamente ao lado, era impossível não ouvir. Mas também, como era inevitável, alimentavam, em parte, uma sórdida curiosidade sobre o conteúdo subjacente àquela conversa exuberante e incomodativa. Da neta, uma criança com não mais de quatro anos, nada se ouvia. Mantida no silêncio pela comida e pelo telemóvel, a miúda apenas fazia parte de um quadro que lhe devia ser bastante familiar. Da mãe também pouco se ouvia, se calhar por estar mais batida pelos anos e pelas desilusões, já não atribuía a mesma importância de outrora àqueles dramas de cordel. Portanto, a maior despesa da conversa era realizada pelas filhas, um par de jovens adultas, de bom sustento e exibindo sinais sublinhados e amplificados por horas no salão de beleza. Era o pacote completo, nos dias que correm: lábios pintados, pestanas de rímel no limite da sustentação, penteados exuberantes e unhas postiças com as cores e os motivos da moda. Também tinham pedido sardinhas e, enquanto devoravam as bichas, magistralmente grelhadas, chupavam as unhas, que de vez em quando também serviam de estilete para separar as espinhas. Nos intervalos, falavam dos namorados, ex-namorados, maridos ou ex-maridos, das tropelias na festa de casamento, das ex, das atuais, da necessidade de sair com a cabeça erguida quando a vida começa a dar as primeiras pancadas.

- Ouve, mana, digo-te: homens...são um extra. São só assim uma coisa a mais, um extra, nas nossas vidas.

- Uh, uhm – A irmã, com a carne da sardinha na boca e prestes a engolir, não conseguia responder, mas a expressão facial era do género “Não sei bem o que estás a dizer, mas que o orgasmo com um homem não tem nada a ver com o orgasmo sozinha, não tem. Ainda assim e,

se calhar, por seres a minha irmã mais velha, é claro que tens razão: eles são uns vermes desprezíveis”.

Ele ouviu aquilo, e não gostou. Não lhe soou nada bem que os homens fossem retratados como “extras”, como se fossem meros apêndices na vida das mulheres que, obviamente, viveriam sozinhas perfeitamente bem. Como se a Natureza tivesse criado as mulheres como seres perfeitos e autónomos e que, de algum modo, tivesse cometido um erro, ou uma distração, ao criar também os homens, nitidamente acessórios nesta roda viva da vida. Ouviu, e não gostou, e algo o impelia a responder. Contribuía para a sua inquietação, provavelmente, todo aquele aparato de unhas, rímel e cabelos, como se a aparência plastificada de mulher lhes retirasse autoridade para se referirem aos homens daquela maneira. Já seria mau noutras circunstâncias, mas, assim, era intolerável. De repente, sentia-se nervoso, o coração a bater a mil-à-hora, não era uma coisa que estivesse habituado a fazer. Mas, em defesa da sua honra, e da honra de todos os homens, honrados ou não, levantou-se. Tinha noção do risco que estava a tomar, e que a senhora que tinha pela frente o fixava, num misto de admiração e alarme, que parecia dizer: “Isso é muito certo, e digno da tua parte, mas repara que estamos num restaurante e, se calhar, a situação não merece ser transformada numa cena de novela barata”. Mas uma noção básica de justiça, e a necessidade de reconhecer o património genético do género humano masculino, tão antigo quanto o das fêmeas da mesma espécie, mantinham este homem de pé e, nesse momento, já a dirigir-se para a mesa do lado. Nessa mesa, e nesse instante, parou tudo. A mãe, que já tinha comido o equivalente à fome que trazia, olhava-o com relativo desinteresse. Para ela, era só mais um tipo que, provavelmente, não lhe iria trazer nada de novo e este, definitivamente, não lhe parecia nada de especial. A pequenita, essa, nem reparou na nova presença ao lado da sua mesa, tão mesmerizada estava no ecrã do telemóvel. As duas irmãs, essas, imediatamente entraram nas suas personagens defensivas. Remetidas ao silêncio, no choque de ver a sua refeição interrompida por um homem aleatório, ficaram só a olhar para ele, de olhos arregalados, a lamberem as unhas com dois centímetros e meio de projeção. Ele pressentiu que esse era o momento de falar, tirando partido de um efeito surpresa.

- Boas tardes. Peço desculpa por estar a interromper o vosso almoço. A sério que não quero incomodar, embora esteja, provavelmente, a incomodar – Curiosamente, já iniciado o discurso, sente o seu corpo a acalmar, baixando claramente o ritmo cardíaco e a sensação generalizada de nervosismo – Mas não consegui deixar de ouvir uma parte da vossa conversa. Assim uma parte em que era dito que os homens eram um extra, que eu entendi como acessórios, numa vida em que as mulheres passavam bem sem eles. Isto depois de um chorrilho de queixas e inconfidências sobre o comportamento deste e daquele, homens que terão sido infiéis, ou fiéis a outros princípios que não os de determinadas mulheres.

Elas, ainda atordoadas pela iniciativa, continuavam só a olhar, agora através de uns esgares mais desafiantes, a preparar-se para contra-atacar. A zona da esplanada, por essa altura, também já parara completamente, com todas as pessoas de cabeça virada para o palco improvisado, movidas pela curiosidade e pelo desejo mórbido de ver mortos e feridos.

- Não quero, de forma alguma, transformar esta perturbação num discurso qualquer moralista, a espingardar julgamentos como se eu fosse uma qualquer autoridade no assunto. Só queria mesmo dizer que apanhar um balde de água fria numa relação não nos dá o direito de chutar metade da humanidade para canto, só porque tem dois testículos e pêlos no peito. Eu também fui “encornado”, acreditem que detesto usar essa expressão, e nem por isso passei a renegar metade do meu código genético tão generosamente oferecido pela minha mãe. Boas tardes, e passem bem.

Como já tinham pago, e estavam de saída, o homem e sua companheira limitaram-se a abandonar a esplanada, num passo tranquilo. Só ocasionalmente olhando para trás, pelo canto

do olho, mas mantendo um passo certo até ao dobrar da esquina. Nesse percurso, as irmãs revezavam-se no excomungar do intruso, vomitando insultos.

- Cabrão!

- Pulha!

- Há-des ser encornado outra vez, a ver se aprendes!

- Vês, mana? Não te disse que os homens não valem a pena? É só otários, sempre a ver se nos trocam as voltas...

- Claro que sim! Vá, vai-te lá embora, seu merdas, com o rabinho entre as pernas...

Ele e ela viraram à direita, seguindo pelo beco em direção à avenida. As irmãs voltaram a sentar-se, suas faces ruborizadas, pondo-se a limpar a travessa das sardinhas com o resto do pão. Finda a cena, o restante restaurante voltava à normalidade; memorável, teria sido só mesmo a insurreição de um tipo qualquer, contra duas miúdas que tinham dito qualquer coisa acerca de homens. Cada um voltava às suas conversas, aos seus dramas, à sua comida quase fria no prato. Entretanto, a mãe observava as filhas, entretida, num meio sorriso, enquanto a sua neta continuava colada ao ecrã. Esta última ainda teria vários anos pela frente para decidir se considerava os homens seres humanos, como ela, com emoções, sentimentos e participantes de pleno direito no palco da vida humana, ou se constituíam uma subespécie, subordinada e subjugada, condenada a viver como um extra na vida das mulheres. Entretanto, a vida iria continuar, como sempre acontecia.

## Cenas do quotidiano – II

Debaixo do chapéu de sol, todos molengavam. O calor apertava e, embora ninguém o explicitasse, ninguém conseguia estar confortável senão à sombra. Os cérebros não funcionavam a cem por cento, mas também não precisavam. Estava-se de férias, e não havia nada para fazer.

- Haver vida, só neste planeta, entre os triliões, quadriliões de planetas no Universo, é só uma ideia parva, não concordas?

O rapaz de dezasseis anos pestanejou, mas devagar.

- Ok, mas como é que provamos isso?

- Que a ideia é parva, ou que há mais vida no Universo?

Riram os dois. Também, nesse momento, não iriam dedicar-se à prova de coisa nenhuma. No entanto, mais alguém no grupo escutara alguma coisa.

- Eu sei que a ideia é parva, e nem sequer preciso de demonstrar.

O rapaz, e o homem a seu lado, viraram a cabeça para a mulher sentada na outra toalha, a uns centímetros de distância. De olhos fechados, ela apenas rodava a cabeça, à procura de sentir os músculos tensos que pretendia descontraír. O seu cabelo, esbranquiçado e hirto do sal, mal se mexia em relação à cabeça.

- Ouve lá – Outra mulher, esta com o cabelo pintado num tom de laranja, decide também intervir. A referência a Universo, ou a planetas, parecia tê-la despertado da letargia – Tu conheces o teu mapa astral?

O homem, decidindo que a pergunta não se poderia dirigir a ele, colocou apenas, placidamente, o olhar sobre a linha do horizonte. Olhando para o lado e, a seguir, para a cabeça alaranjada, o rapaz percebeu que aquilo devia ser para ele.

- Er...n-não. Mas isso é o quê?

- Tem a ver com as possibilidades futuras da tua vida, tendo em conta o posicionamento astrológico da tua pessoa.

- Como assim?

- Pá, se calhar o melhor é vermos aqui na aplicação o teu caso concreto.

- Atenção, apenas, que se trata de uma aplicação de astrologia, a não confundir com astronomia... - O homem comenta para o rapaz, numa surdina pouco assumida.

- Então, vejamos – A senhora dos cabelos pintados tateava sobre o ecrã do telemóvel – Diz-me a tua data e hora de nascimento, por favor.

- Mas para que é que isso serve?

- Olha... tu não questionas – A mulher, com o telemóvel na mão, aguardava pacientemente pelo funcionamento misterioso da aplicação, enquanto esta processava num qualquer espaço virtual oculto. Mantinha, no entanto, uma certa boa disposição – Isto está quase.

O miúdo dá-lhe a sua data e hora de nascimento, embora para a hora tenha precisado de conferenciar com a memória da senhora de cabelo esbranquiçado, que também era sua mãe.

- Confia, puto... - O homem, a seu lado, não conseguia conter-se. Mas fazia-o com descrição.

- Já está.

Todos os olhares convergiram para o telemóvel em questão, que exibia gráficos complexos coloridos, repletos de símbolos e linhas curvas.

- Olha, curioso – A mulher do cabelo laranja passava o dedo sobre o ecrã, seguindo as linhas que interpretava como importantes – Tens uma clara ascendência do elemento água.

- Isso quer dizer o quê?

- Que és emotivo, que a emoção determina...

- Não te enganaste, se calhar? Essa não é a cena dela?... - E aponta para a irmã, que também observava, curiosa, as cores bonitas sobre o ecrã do telemóvel.

- Não...tem calma. Já fazemos o dela.

- E o que é que esses números querem dizer?

- Ah, isso – Ela levanta a cabeça, e o olhar, num esforço para se tentar recordar – Olha, não me lembro. Só sei que, sim, os astrólogos fazem contas, para determinar estas coisas, mas sinceramente não te sei dizer que contas são essas.

O rapaz aguenta as perguntas por um momento, enquanto ela volta a debruçar-se sobre o ecrã.

- Aqui, repara, há mais linhas azuis, que vermelhas.

- E?...

- Quer dizer que os pontos de oportunidade, na tua vida, são em maior número que os desafios.

- Eu diria que, se calhar, isso está relacionado com a idade – O homem ao lado do rapaz estava com dificuldade em, simplesmente, deitar-se e dormir uma sesta – Do género: mais jovem, mais oportunidades, menos jovem, menos oportunidades...

Os seus comentários eram, oportunamente, ignorados.

- Isto é daquelas coisas – A mulher de cabelo laranja adquiria uma atitude pedagógica, ao mesmo tempo crente, embora mantendo, talvez paradoxalmente, um certo desprendimento resultado de não se levar demasiado a sério – Ou acreditas, e muita coisa fará sentido, ou não acreditas, e nada disto fará sentido.

- Isso não me parece fazer muito sentido – O rapaz emitiu um risinho bem-disposto – Mas força aí, faz para ela, a ver o que dá.

Sobre as suas cabeças, para lá do chapéu de sol, o Sol, a estrela mais próxima do planeta Terra, continuava a brilhar. O seu percurso arqueado, fiel a uma trajetória astronómica em torno do centro da galáxia, mantinha-se intacto, apesar de todas as trajetórias das vidas dos minúsculos seres humanos a viver à superfície do terceiro planeta mais próximo, orbitando em seu redor. As restantes estrelas, vizinhas desta estrela, continuariam também os seus movimentos, perpétuos à escala da nossa existência, e assim iriam continuar muito depois de morrermos. Com o tempo, todos esses movimentos iriam mudar tanto que nenhuma constelação resistiria às distorções. Com o tempo, tudo iria mudar, e nenhuma história se iria repetir.

À entrada da escola, tudo estava como costumava estar. Uma enchente de miúdos, de muitos tipos e feitios, apesar da sempre presente pressão para normalizar. Há e, se calhar, sempre haverá, uma tendência humana para a normalização: uma parte de nós que, pura e simplesmente, não aceita o facto de sermos todos diferentes. Muito embora existam, de facto, semelhanças. E, essas também, sempre haverão. Instalada a típica algazarra, um barulho ensurdecedor às oito e dez da manhã, os vizinhos da escola que o digam.

A miúda arrasta a sua mochila, um autêntico peso-pesado em termos de invólucros de material escolar, este, felizmente, com rodinhas, ao longo da rampa de acesso ao edifício principal. No meio da multidão em movimento, passa despercebida. Ela quer tanto passar despercebida que, por vezes, provoca o efeito contrário. Mas, nesse momento, os miúdos só fluíam em direção às suas salas, e estavam menos atentos ao escrutínio das diferenças do que noutras alturas do dia.

As aulas foram a seca do costume. A miúda ouve, processa e arquiva, mas aquilo está bastante longe de conseguir estimulá-la. Talvez não ajude, também, o facto de muitos professores tratarem os alunos como mentecaptos, e os currículos escolares assumirem que eles são meros autómatos, assim como caixotes mecânicos para encher de matéria. Mas o Sol brilhava, e era hora do intervalo, e a multidão de miúdos polvilhava o recreio.

- A sério, meu, sabes o que é que os meus pais puseram na salada, ontem?? – Os colegas encolheram os ombros – Merda de pepino, meu...Detesto pepino!!

- Pepino, olha... - Os outros já se encurvavam de riso, fazendo gestos com os dedos e mexendo muito os olhos – Para acompanhar o pepino... só faltam os tomates!...

Rebentaram de riso. Amparavam-se uns aos outros, roxos de tanto rir. Aquela conversa sobre saladas e vegetarianismo era, de facto, hilariante. A miúda passou ao lado do pequeno grupo de rapazes discretamente. “Cambada de idiotas”. Torceu o nariz, enojada, e dirigiu-se para o seu canto favorito, a alguns passos de distância de um outro grupo, esse de raparigas. Olhou para elas, hesitante, mas logo se sentou sozinha, franzindo o sobrolho. Lá estava, a fingir que tomava atenção ao jogo no telemóvel, enquanto tinha as antenas todas no ar, a ouvir as conversas, por mais estúpidas que lhe parecessem. Nunca se sabia quando é que poderiam estar a falar mal de si, ou a gozar consigo.

- Oi!

Mantinha a cabeça baixa, e as costas curvadas. Mais um pouco, enrolava-se em torno de si mesma, e desaparecia. Achou estranho aquele som ter uma origem tão perto dela, mas não levantou a cabeça.

- Olá!

Intrigada com a insistência, levantou os olhos do telemóvel, como um animal assustado. À sua frente, uma miúda, de cabelos lisos compridos, não muito diferente de tantas outras lá na escola. Usava óculos e tinha um sinal, algo saliente, junto à narina esquerda. Sorria.

- Er...oi – Voltando a baixar os olhos, no desconforto em relação a esta nova presença.

- Tu és a delegada da nossa turma, não és?

O súbito interesse fez com o que levantasse a cabeça. E a referência à sua responsabilidade enquanto delegada despertou uma pontinha de orgulho.

- Sim – Embora a vontade de continuar enfiada no canto fosse forte, sobrepôs-se, momentaneamente, a curiosidade de saber quem é que estava a querer saber coisas de si.

- O que é que estás a jogar?

- Uh – A miúda encolhe os ombros e volta a baixar a cabeça. Em frente ao telemóvel, o grau de exposição sentia-se bem inferior aquele sentido na presença da outra miúda.

Esta ainda dá uma espreitadela, mas desinteressa-se. Olha à volta, levanta-se e desaparece. No entanto, passados uns minutos, volta.

- Não gosto muito dessa cena do TikTok.

- Iá. É bosta – A primeira miúda foi rápida a concordar, embora continuasse firmemente incrustada no canto.

- Iii, não achas que a professora de História é uma ganda bosta?

- Podes crer! Também detesto essa stôra – A miúda do canto parecia ter sido picada por um alfinete. Largou o telemóvel, endireitou as costas, levantou a cabeça, e sorriu. Ao mesmo tempo que dedicava à professora de História um esgar enojado.

- “O professor manda, vocês obedecem!”

- “Telemóveis: é que vocês não aprendem nada com isso.”

- Ouve, ouve...e lembras-te desta, que ela disse ontem? – A outra já se tinha virado para a miúda, acororada, excitada com o súbito reconhecimento daquele ódio comum – “Primeiro: escola. Depois, tudo o resto.”

A miúda desfez-se a rir, deixando cair os fones no colo.

- Iá, mano!... Essa aí foi brutal – Por essa altura já estavam as duas a falar e a dar risinhos, como velhas amigas – Ela é velha, velha mêmoo! O meu pai diz que ela já nem sequer devia estar a dar aulas.

- Fogo, a sério...vamos ter de a gramar até ao final do ano.

Toca a campainha da escola. Hora de entrar para a aula...de História. Ou seria de Ciências? A miúda dos óculos e do sinal levanta-se primeiro, e estende a mão à primeira, que aceita sem pensar. Vão as duas, apressadas e aos risinhos, de volta para a sala de aula. Em menos de dois minutos, o recreio fica completamente vazio, e queda-se na escola um silêncio total. Mais tarde, o canto voltará a ser um ponto de refúgio, mas, para uma pessoa, não há nada como a sensação de que não se está sozinha.



#### Cenas do quotidiano – IV

- A minha mãe, ontem, pôs-me trinta euros na mão, e disse-me: estica-os bem, que não te dou mais dinheiro este mês! – Carla levantou os óculos com o nariz, inclinando a cabeça ligeiramente para trás, como sempre fazia quando estava ansiosa. As amigas riram-se: aquilo era tão Carla – Do que é que vocês se estão a rir??

- Cas, tu tens sempre bué dinheiro... - O nome era Carla Silva, mas as amigas encurtavam para Cas.

- Cas, a sério, eu ando sempre tão tesa...um dia há de experimentar – Lara pisca-lhe o olho e finge dar-lhe uma palmada no ombro – Bom, isso poderá ter a ver com irmos às compras tantas vezes, mas também não é preciso aprofundar muito esse tema...

Riram-se as três. Estridentes e espontâneas, como era habitual. A propagação sonora e as faces contorcidas de riso chamaram à atenção dos rapazes que passavam, nesse momento, através do portão da escola.

- Laaaara!...Tens umas gandas têt... - O outro dá-lhe uma cotovelada com tanta força que o miúdo fica a gemer, encostado a um poste.

Aproxima-se do trio de raparigas, atravessando a rua, o galã local, que por acaso também era seu colega de turma.

- Não lhe liguem. Ele é um idiota chapado - Abana o cabelo para o lado, ligeiramente comprido, para um rapaz. As calças pendiam-lhe abaixo da cintura, mas discretamente: ele tinha noção de que andar o dia inteiro a puxar as calças para cima não era muito bem visto pelas “damas” – Cas...Sempre charmosa.

- Miguel, não chateies!

As outras cochichavam baixinho.

- Ladies...

Miguel despede-se com um largo sorriso, a tender para o sobranceiro, gingando o seu andar pela rua acima. Elas ficam uns segundos a vê-lo afastar-se, num misto de atração e repulsa.

- Os rapazes são todos uns estúpidos, não acham? – Lara exibia a sua assertividade usual.

As outras duas, habituadas a este tipo de declarações, não responderam. Mas também não negaram.

- Ouve, o que é que vão fazer amanhã? – Apesar do episódio com Miguel, Cas estava bem disposta, uma vez que tinha no bolso trinta euros para gastar.

- Duh...Compras? – Telma, a amiga mais baixa, e algo mais tímida, exibia um sorriso todo brilhante, devido ao aparelho completo para os dentes.

- Exatamente! – Cas e Lara responderam entusiasticamente, em uníssono.

- Bem, em rigor não sei exatamente como é que vou fazer isso, já que não tenho um chavo, mas qualquer coisa se há de arranjar – Lara mandou assim, para o ar, um meio-sorriso trocista – Com a agravante que hoje vou para o meu pai – Ao referir o pai, a sua voz ganhou uma tonalidade amarga – Mas pronto...é na boa.

As outras já sabiam que a cena da Lara com o pai não costumava ser boas notícias, pelo que ficaram as duas a olhar para ela, com um ar preocupado.

- Eu disse que era na boa – Lara rapidamente desdramatizou.

Ao jantar, em casa do pai, as coisas pareciam relativamente tranquilas. Ou melhor, estavam relativamente coisa nenhuma, já que cada um estava no seu mundo. Às vezes é melhor isso do que estar a discutir. Mas Lara precisava de quebrar o silêncio.

- Pai – A entrada fê-la cautelosa.

- Uhm – O pai estava a meter qualquer coisa na boca, que não se percebia bem se era um panado de tofu que já marinara vários dias no frigorífico, ou um hambúrguer ensopado num molho esquisitíssimo que ele apelidava de “especialidade”.

- Amanhã quero ir às compras com a Cas e a Telma – Com o nervosismo, agarrava-se à sua caneca enorme com água, de onde sorvia com uma palhinha às estrelinhas.

- Uhm...Uhm – Depois de mais umas cinco ou seis mastigadelas, o pai finalmente engoliu o bolo alimentar – Onde?

- Na baixa – Bebeu mais um golo enorme de água – Mas também queremos ir a uma loja na Almirante Reis.

O pai pensou um pouco.

- Não queria que fosses sozinha, ou com elas, para a Almirante Reis.

- Mas, pai, a loja da Almirante Reis é uma das minhas favoritas, além de que queria mesmo mostrá-la às minhas amigas...

- Eu disse que não. Não há outras lojas que vocês possam ir? – Bebeu, de um trago, o resto do vinho que tinha no copo à sua frente.

- Bom, whatever – Apesar do stress, o evento justificava alguma negociação – A gente estava a pensar ir à tarde, assim depois do almoço.

Ao longo da conversa, o irmão de Lara ouvia, enquanto ia mastigando garfadas enormes de esparguete. Secretamente, defendia a irmã, mas só desejava que aquilo não rebentasse para o seu lado.

- Ok. E como é que pensas ir ter com elas?

- Uh...Ou me levas ao Rossio, ou vou de metro.

- Aquilo no Marquês é uma confusão – O pai saca do telemóvel – Deixa-me só aqui ver as minhas coisas...Ok, eu levo-te.

- Tens a certeza? – Quando a esmola é muita, o cego desconfia – Olha que não me importo de ir de metro.

- Pá, Lara – O pai atira-lhe um olhar mais incisivo – Às vezes pode não parecer, mas eu preocupo-me contigo. E não acho bem andares por aí nas estações de metro, num sábado à tarde.

- Ok, como queiras – Mais aliviada, apressa-se para sair da mesa, antes que o pai mudasse de ideias – Vou então enviar mensagem à Cas e à Telma.

- Faz isso.

De volta à cozinha, o pai resmunga qualquer coisa a propósito da loiça suja, mas Lara já está no quarto a trocar mensagens com o telemóvel, e o irmão com os fones enfiados na cabeça, a trucidar monstros uns atrás dos outros num jogo qualquer da consola. O ar carrancudo do pai transforma-se, momentaneamente, numa face triste sobre um corpo enfraquecido. No relativo recato da cozinha, numa sexta-feira à noite a lavar a loiça do jantar, só lhe ocorriam as palavras, muito claramente delineadas na sua cabeça: “Os meus filhos não gostam de mim”.

Ainda largou, ali mesmo, uma lágrima solitária, mas tinha decidido que, nessa noite, não ia chorar. Não ia, e pronto. Portanto, engoliu a lágrima, fungou um par de vezes, e voltou a colocar a máscara carrancuda, voltando de seguida para a sala. Com cada um trancado na sua vida, as coisas decorriam com a normalidade possível, nessa noite. Ainda assim, chegada a hora, cada um se despediu dos demais, boa noite e até amanhã. Na esperança de sonhar com dias diferentes, mais descontraídos e felizes.

No dia seguinte, pouco tempo depois de ter acordado, lá pelas dez da manhã, Lara foi presenteadada com a desistência das amigas. Com uma expressão desolada, comunicou ao pai ao pequeno almoço.

- A sério, não acredito nesta cena!... – Ia metendo colheradas de flocos com leite na boca, e trincando com força – Aquelas duas! Uma diz que se esqueceu de me dizer que a mãe tinha combinado com os avós dela lá irem almoçar a casa, e que queria que ela fosse passear com eles a seguir... A outra que tinha de ir de improviso para a casa do pai, porque a mãe tinha qualquer coisa de última hora, uma festa ou assim. A sério...Uh! Isto não está a acontecer.

O pai estava a achar graça à coisa, mas mantinha uma expressão séria.

- E então, o que é que vais fazer?

- Olha, sei lá – Vê qualquer coisa no telemóvel, mas logo o atira para cima da mesa – Passo a tarde no telemóvel.

O pai fazia contas de cabeça, à procura de coisas para fazer com eles num sábado à tarde. De repente, surgiu-lhe uma ideia.

- Olha, Lara, estava aqui a pensar – Levanta-se, para ir tirar um café na máquina.

- Em quê?

No receio do que ela pudesse achar, ficou de costas, a tratar da água, da cápsula e da chávena, lenta e ponderadamente.

- Diz, pai, diz logo! – A miúda ainda estava irritada pelas notícias dos planos gorados.

O pai voltou-se, de chávena na mão, a fumar, encostando-se à bancada. De olhos postos no horizonte, para além da janela da cozinha, exibia um sorriso cúmplice.

- E se...E se fôssemos os dois às compras?

- 'Tás doido?? Pai, a sério!... – A explosão foi imediata, sem pensar, mas logo a consciência começou a ganhar terreno.

- Pá...era uma forma de ires, na mesma, às compras, e... - A pausa impôs-se porque os seus olhos, de repente, se encheram de lágrimas, embora ainda tivesse ido a tempo de evitar um choro compulsivo. O tom de voz, então, baixou consideravelmente de volume, transparecendo insegurança – e... fazemos alguma coisa juntos.

Apesar de sentir alguma revolta perante aquela proposta, a miúda sensibilizou-se.

- Oh pai...ok, pois. Mas pai, tipo, vê se percebes...eu queria ir com as minhas amigas.

Ele não olhava para ela diretamente, contemplando a sua presença em termos de visão periférica. Tentava controlar o seu nervosismo e debilitante sensação de vulnerabilidade.

- Desculpa, mas...Não. É melhor não.

Sentindo pena do pai, levantou-se e arrumou a sua loiça do pequeno almoço. Havia um lado seu que queria abraçá-lo, e confortá-lo, mas as coisas não lhe estavam a correr bem. De momento, só lhe apetecia estar sozinha. Olhou de relance para o pai, que ainda se quedava, imóvel, encostado à bancada da cozinha, pegou no telemóvel e voltou para o quarto.

Às vezes, as pessoas só precisam de algum tempo e de ar fresco na cara. Nessa manhã, Lara ficou no quarto, primeiro a flipar páginas no telemóvel, até se fartar e pegar no livro que tinha em cima da mesa de cabeceira. Reparando, pelo canto do olho, que as nuvens estavam a abrir o suficiente para a passagem de luz solar, abriu a janela e deixou entrar no quarto o ar fresco do final da manhã. Apesar dos acontecimentos anteriores, e de contemplar pela sua frente uma tarde de ócio sem nada de relevante para fazer, sentia-se melhor. Além disso, gostava do livro que estava a ler. Por seu lado, o pai, depois de recuperar, no imediato, do choque resultante pela recusa da filha, pegou em si e na bicicleta, e foi pedalar uns quilómetros. Quando voltou, estava consideravelmente mais bem disposto. Continuava a não lhe agradar a perspetiva de passar a tarde em casa, com os dois filhos adolescentes, mas a nuvem negra da rejeição que sentira dissipara-se. Entrou em casa, pouco antes do almoço, todo suado, mas sorridente.

- Olhem – Falava assim, alto, para que todos pudessem ouvir, onde quer que estivessem no interior do pequeno apartamento, mesmo ao lado de um importante parque urbano – Como não fui às compras, nem há nada de jeito no frigorífico, encomendei umas pizzas. Pode ser para vocês?

Como Lara estava no quarto, e o seu irmão, provavelmente, na casa de banho, esperou pacientemente pela resposta. Ao fim de uns minutos, ambos apareceram na sala, ainda em pijama.

- Então? Pode ser, para vocês, as pizzas?

O rapaz riu-se, genuinamente divertido.

- Bem, se já encomendaste as pizzas, o que achamos não deverá importar muito, né?

O pai encolhe os ombros, sorrindo de volta.

- Na boa, pode ser – Lara não se lembrava de alguma vez ter recusado pizza.

- Fixe. Mas, se calhar, tiram os pijamas e vestem qualquer coisa, iá? – O pai consulta o telemóvel, sendo informado que o rapaz das pizzas já tinha chegado à rua em que moravam. Nesse momento, toca a campainha – Olhem, vem aí. E se puséssemos a mesa na varanda?

Resposta não veio, mas como os dois miúdos começaram a pegar em cadeiras, e a desimpedir a mesa da sala para a levar lá para fora, também não era preciso. Em cinco minutos, estavam os três sentados na varanda, à volta da mesa, sob um ameno Sol de março, em frente a uma desimpedida vista sobre o parque e a cidade. Há bastante tempo que o ambiente na família não estava tão descontraído. Até as pizzas, embora encharcadas de gordura, escorregavam com leveza. Lara sentia-se mais confiante.

- Pai, ‘tive a pensar – O pai, pouco habituado a tomadas de iniciativa dos filhos, vindas na sua direção, virou toda a sua atenção para ela.

- Diz, filha – Disse-o de forma despreendida, sem qualquer expectativa.

- Se calhar, aquela ideia de irmos às compras não é tão má assim.

O pai levantou o sobrolho, genuinamente surpreendido, até porque já tinha descartado a ideia de ir com a filha conhecer o interior das melhores lojas de roupa, segundo a prioridade das suas preferências.

- Ok! ‘Bora lá, então.

O rapaz, que até então tinha estado, quase literalmente, com a cara enfiada no prato com a pizza, levantou a cabeça, a tentar perceber qual o sentido do que estava a ouvir.

- O quê? Vocês vão às compras?!...

Pai e filha limitaram-se a acenar com a cabeça, cada um deles também surpreendido com o que tinha acabado de ser decidido. O miúdo riu-se, custando-lhe a acreditar que a irmã se ia dignar a ir às compras de roupa, para ela, com o pai, e que o pai tinha, sabe-se lá como nem porquê, mostrado interesse nisso. Mas era como os ingleses diziam: “Seeing is believing”.

Foram. Ao princípio, a miúda só olhava para as empregadas das lojas com um olhar suplicante, como que a querer dizer: “Por favor, não lhe ligue. Ele é só um tipo de meia-idade, a atravessar a crise própria dessa idade e que, por ironia do destino, calhou ser meu pai”. Mas o sorriso pateta do pai mostrava que estava, de facto, a divertir-se, o que, lentamente, a ia contagiando. Numa das lojas, ele chega ao balcão, onde a filha estava a fazer uma pergunta à lojista sobre uma “sweat” cinzenta, com um gorro enfiado até ao pescoço.

- Bu!

A empregada desatou a rir-se, mas, rapidamente recompôs-se, pois estava de serviço e há mínimos no protocolo de relacionamento com os clientes.

- Pai!... Que vergonha, a sério! – As palavras chamavam à atenção, mas o tom era divertido.

Na loja da Almirante Reis, onde ainda foram depois do lanche, o pai estava mais sério, pois tinha decidido levar um par de calças para si. Havia que aproveitar, já que uma promoção de calças a dois euros não era todos os dias. Lara só se ria, a ver o pai a experimentar calças. Meu deus, como era desajeitado! Mas lá conseguiu. E, até para os elevados padrões de qualidade estética da rapariga, não lhe ficavam assim tão mal. Para ela, a tarde tinha rendido uma “sweat” cinzenta muito fixe, quente e com capuz, uma T-shirt em segunda mão com a inscrição “Estou-te a ver”, e um par de pulseiras de pechisbeque que, pura e simplesmente, ficavam tão bem com a mochila da escola. E, não menos importante, ambos puderam ver uma centelha de esperança que ela e o pai pudessem reatar, ou reiniciar, uma verdadeira e genuína relação humana.

Ela acorda, sentindo uma mão sobre a sua barriga, e um queixo pousado no seu ombro. Não abre logo os olhos; há muito para sentir antes de haver necessidade de os abrir e, além disso, ainda há algum sono a processar. A ronha devia ser instituída como obrigatória, com pesadas multas para os infratores. Ajeita-se, e o corpo quente ao seu lado também se ajeita, para tocar melhor e ser melhor tocada na troca de carícias matinal. A mente vai despertando, e o corpo também. Aquele primeiro beijo é estimulante, o que parece fazer acordar outras partes do corpo. Fazer amor pela manhã, antes de levantar, é assim uma espécie de bálsamo: tanto relaxa, como desperta, como dá prazer. Ele, menos dado a ronhas, levanta-se e vai à casa de banho. Ela, secretamente, até lhe agradece, pois mais uns minutinhos só, enrolada no cobertor, ainda a sentir o calor dos corpos e o cheiro dos fluidos, é mesmo só uma das melhores coisas de sempre. Mas lá acaba por se levantar e vestir o pijama, temporariamente, ainda de olhos semicerrados. Passa pela casa de banho a vazar a bexiga, que agora sente a apertar. Segue para a cozinha, na qual os sons familiares do pequeno almoço inauguram o buliço do dia.

Entretanto, abrem-se e fecham-se portas, com os filhos adolescentes entregues às suas rotinas matinais. Parece que, como habitual, estão atrasados para chegar à escola, mas a mãe não liga muito já que, invariavelmente, lá acabam por chegar às aulas a horas. O que é que querem levar para o almoço? Um diz “qualquer coisa”, a caminho de volta à casa de banho; o outro “pode ser”, enquanto ciranda a passo lento com a escova de dentes na boca. Há pessoas cujos níveis de stress são tão baixos que, nem perante situações stressantes para a maioria das outras pessoas sentem a necessidade de acelerar o passo. Mas ela está habituada a este tipo de indefinições, embora saiba que o que lhes arranja só é aceite porque desde que nasceram que lhes prepara a comida. É como se dissessem: “Oh mãe, qualquer coisa, tipo tu sabes o quê”. Só se senta para tomar o seu próprio pequeno almoço quando os almoços dos miúdos estão prontos. Troca mais alguns carinhos com o homem que, entretanto, acabara de tomar o seu pequeno almoço. É sempre bom estar perto de alguém de quem gostamos, e que gosta de nós. Mas, eventualmente, ele segue para o escritório. Bom dia. Bom dia também para ti. Palavras trocadas, não porque sim, ou porque é hábito, mas porque é mesmo bom desejar bom dia, porque se quer realmente que a outra pessoa tenha um bom dia. O seu próprio caminho para o escritório, que ocasionalmente visita, nos dias pós-covid que correm, é feito de bicicleta. Apesar de todos os defeitos, a rede de bicicletas partilhadas foi das melhores coisas que aconteceram nesta cidade, nos últimos tempos. Tinha reunião com a chefe, que já não via, presencialmente, há várias semanas. Havia muitas coisas a acontecer na cidade, e era preciso estarem atentos. Havia responsabilidades, e uma reputação a manter. Mas como não dominava bem o inglês, teria de ser ela, sua subordinada e devota funcionária, a representante da instituição. Que pedia muitas desculpas, pois tinha perfeita consciência ser essa uma das suas responsabilidades, mas que seria melhor assim. Disse à chefe que entendia, e que não se preocupasse, mas secretamente só desejava que aquilo fosse rápido. Ir representar a instituição, em inglês, num evento cheio de gente, barulho e confusão, não fazia propriamente a sua ideia de diversão. Mas iria.

Para o almoço, volta para casa. Os miúdos também voltam da escola, esfomeados. Abraçam a mãe com força, como quem não vai largar, mesmo considerando que só passaram cinco horas desde que a viram pela última vez. Talvez para isso contribua o facto de saberem de colegas seus que, com sorte, encontram uma pizza congelada no frigorífico e uma casa entregue ao silêncio de uma vida familiar vazia. Ela sorri para eles, e recebe todos os seus carinhos, enquanto lhe ocorre que não tem a certeza se os estará a educar da melhor forma. Em relação às refeições e aos carinhos, no entanto, não nutre nenhuma dúvida: barrigas e corações cheios, todos os dias. Da parte da tarde, segue para a consulta de neurologia com a sua mãe.

Esta última, bem instalada nos seus oitenta e sete anos, diz-lhe que sim, se ela quer, tudo bem. Bom, mãe, isto não tem a ver com o que eu quero, mas com a tua saúde mental. Oh, minha querida filha, eu até me lembro do que trazias vestido no dia do casamento do teu irmão. Pois, isso é excelente, mãe, mas um dia destes deixas o bico do gás ligado, e é isso que me preocupa. E acerca do valor da consulta e eventuais tratamentos, não te preocupes, eu e os manos pagamos a conta. No médico corre tudo bem. A certa altura até parecia estar a correr bem demais. Como este era relativamente novo, assim nos trinta e tal, quarenta, mas com uma cara de bebé e impecavelmente barbeado, a velhota engraçou com ele, só faltava trata-lo por filho. À saída, a filha chama-lhe à atenção, atenciosamente, mas com um toque de ironia. Mãe, na próxima consulta, por favor, não forneças tanta informação, em particular se não te estiver a ser pedida...talvez o médico não precise de saber que uma das miúdas que vive em tua casa considera que a irmã veio para Lisboa para lhe tirar a privacidade. Oh, mas ele era tão giro. Ok, certo, mas lembra-te apenas que ele é teu médico, não um dos teus netos. Oh, está bem. Mas estava bem disposta. E ainda ficou mais quando percebeu que estava trânsito, nesse fim de tarde na cidade, e que ia ficar mais tempo dentro do carro. Quando a filha a deixou em casa, estava radiante. Há pessoas que gostam de andar de carro, e outras...nem por isso.

Mas esta filha lá chegou a sua casa também, depois de mais algum tempo passado no trânsito. Chegou, e foi recompensada por isso. Os dois filhos fazem-lhe um abraço sanduíche no pequeno átrio de entrada do apartamento, onde se depositam os sapatos, e o homem que arrumava loiça na cozinha para tudo para a abraçar, novamente, quase até lhe faltar o ar. É tanto carinho que dói. O cansaço é muito, mas o ambiente confortável e o amor que paira no ar é tanto que não custa estar cansada. Até passa uma sensação lânguida, tornada ainda mais suave depois do duche quente. Ela e ela partilham a banheira, enquanto se ensaboam. Não precisam de falar: a nudez, o respirar aquele ar denso de vapor, e o cheiro doce do sabonete dão matéria mais que suficiente para partilhar o momento. Antes de deitar, ainda há tempo para cada um fazer a sua coisa. Ela vê um bocado de uma série, ele escreve, o miúdo está a comer a terceira sobremesa na cozinha e a rapariga olha para o telemóvel. De vez em quando, ouve-se o riso da miúda a ecoar pela sala: possivelmente estará a ver o Harry Potter a mandar uns quantos monstros para outra dimensão, fazendo girar a sua varinha mágica e franzindo o sobrolho por trás daqueles óculos tão...intelectualmente sexy's. Mas a hora e o cansaço acabam por ditar que é altura de ir para a cama. Boa noite, queridos. Não se deitem tarde, por favor. Sim, mãe, não te preocupes que não será muuuuuito tarde...só assim um bocadinho. O rapaz espreguiça-se no sofá, feliz na confortável certeza de que a mãe irá sempre gostar dele, seja lá a que horas ele se deite. Ou se levante. Ela beija-o, presenteando-o com um sorriso honesto, mas com uma pontinha de ralhete. Vê lá as horas, miúdo...O homem deita-se um pouco antes dela. Apenas o suficiente para atenuar o choque térmico de se deitar numa cama gelada. Ela chega à cama um pouco depois, para logo se agarrar ao corpo ao seu lado que, inexplicavelmente, sempre parecia radiar calor. Trocam algumas frases, assuntos pendentes para o fecho do dia. Trocam alguns beijos, e ambos os corpos aumentam a sua irradiação de calor. Fazer amor antes de dormir é, por seu lado, um convite a uma boa noite. Quando o cansaço se sobrepõe à excitação, ela sorri e, docemente, desliza para o seu lado da cama. Boa noite, dorme bem. Tu também. Bons sonhos e até amanhã.

## Cenas do quotidiano – VI

À entrada, o restaurante parecia vazio. Ele entrou, juntamente com a aniversariante e seus filhos; tinham sido os primeiros a chegar. A sala era ampla, esparsamente decorada com simplicidade em tons claros. Os empregados atarefavam-se com coisas várias, embora não fosse imediato perceber o que faziam pois, aparentemente, não havia clientes. Ainda. Mais ao fundo, no entanto, havia outra sala, aberta para o exterior, na qual tinha sido montada uma mesa comprida. Ele não se deu ao trabalho de contar o número de lugares, mas pareciam-lhe muitos. Depois pensou um pouco: ela fazia cinquenta anos, tinha dois filhos, três irmãos casados, com filhos adultos, já casados ou juntos, mais a mãe, a tia, duas amigas, aos quais se adicionavam a sua própria filha e tia. Era, de facto, muita gente. Nesse espaço exterior, sombreado por panos simples, já estavam algumas pessoas a partilhar mesa, falando baixo e a petiscar entradas enquanto esperavam pelos pratos principais. Este restaurante seria uma estreia para a maior parte dos convidados, mais habituados a pratos tradicionais. Ali, toda a comida era eco, bio, detox, energizante, estimulante, suavizante, toda envolta numa aura de responsabilidade ambiental e social. Ou, pelo menos, assim era a imagem que os proprietários do restaurante queriam fazer passar.

O primeiro grupo de cinco instalou-se e, durante a meia-hora seguinte, os restantes apareceram a popular o restaurante, oferecendo-lhe um ambiente mais composto, embora menos silencioso. Veio o irmão mais velho, com o seu cabelo totalmente branco e voz de barítono, sarcasticamente calmo. Veio a tia, irmã do pai já falecido, visivelmente caquética, mas ainda capaz de subir e descer escadas. Veio o sobrinho, um rapaz-homem nos seus trinta, na flor da idade, a tentar livrar-se de uma barriguinha persistente, acompanhado da namorada. Esta, sorrindo muito, também por não dominar o português, parecia amplificar um corpo já de si grande, ostentando uns lábios muito pintados e várias camadas de base. A escolha dos lugares para sentar deu lugar à costumária hesitação e cómica procura da configuração perfeita, no sentido de conjugar todas as vontades, preferências e preconceitos de cada um. Mas lá acabaram por todos se sentar. E, aparentemente, em paz com o resultado final. A ele calhara-lhe ficar à frente do sobrinho da barriguinha, sua namorada, e respetivos pais e tios. Como sempre acontecia nos encontros de família, entre pratos, copos e temperos, as conversas fluíam livremente, animadas, entrecortadas pela ocasional gargalhada. Findo o prato principal, já com todos perfeitamente à vontade e com os estômagos devidamente recheados, alguém terá iniciado uma conversa sobre investimentos. Os olhos do sobrinho brilhavam.

- Pai, como sabes, tenho andado a pôr uns dinheiros de parte – O pai, já conhecendo o lado empreendedor do filho, mostrava genuína curiosidade sobre o que dali viria – Ainda para mais, agora com o aluguer das casas e tudo, não ia deixar o dinheiro simplesmente no banco que, como sabemos, não rende quase nada...

O pai ia acenando com a cabeça, por ser seu hábito, não por desconsideração relativamente ao que o filho lhe contava. E os seus vizinhos também prestavam atenção pois, claramente, o rapaz tinha ali qualquer coisa que atraía. Talvez uma espécie de charme do empreendedor.

- Então, andei algum tempo à procura de bons investimentos onde pôr este dinheiro – Por essa altura, a namorada, sentada ao seu lado, já virara o seu corpo completamente para o ouvir melhor, bebendo, embevecida, todas as suas palavras – Até que encontrei o “spot” perfeito. Adorei, a sério. Eles explicaram-me que eram “business angels” da sustentabilidade, o que terá dado o nome à empresa: “Green Angels”.



À mesa da família, nesse momento, só as partes mais idosas e as mais jovens estavam imersas nas suas próprias conversas, ou em silêncio a olhar para o telemóvel. Todos os restantes ouviam o sobrinho, corado com a comida, a bebida e a quantidade de atenção sobre si depositada.

- Estes tipos... Aquilo não é um “investment fund” qualquer. Eles têm toda uma lista de critérios: de responsabilidade ambiental, social, e mais uma data de outros. É todo um ecossistema.

As cabeças acenavam em seu redor. Umas de genuíno interesse, outras porque já começavam a cabecear na moleza do pós-almoço.

- Assim, para começar, pus então um terço do que tinha de parte numa empresa de cosméticos – Levanta as mãos e mostra um largo sorriso, incrédulo – Sim, de cosmética! Aquilo é o máximo. Mas, atenção, que estão muito bem organizados, e as contas são “rock solid”. Todos os produtos são “organic”, certificados, e escolhem os seus fornecedores a dedo. Além disso, no sentido de dar mais-valia ao produto, num contexto “from-cradle-to-grave”, ou seja, no ciclo completo de produção, estabelecem contratos com alguns desses fornecedores para, por exemplo, aumentarem a biodiversidade ao longo da “production chain”.

- Oh!... – Exclamou a namorada do rapaz, na excitação de ouvir contar aquela parte, que era especialmente interessante. Ele agradece pondo-lhe a mão sobre a perna, discretamente, por trás da mesa, e piscando-lhe o olho.

- Sim, é muito giro. Neste caso concreto, por exemplo, eles têm um fornecedor de cortiça com quem contrataram, por uma percentagem partilhada das receitas, em cultivar espécies sinérgicas, relativamente ao sobreiro, numa das plantações. Fantástico, não é?

Todos concordavam que sim. Sorriam, sentindo, pelo menos por instantes, que ainda havia coisas boas no mundo, e que nem tudo no mundo dos negócios era puro interesse, ganância e destruidora exploração dos recursos naturais. Só o homem, à sua frente, não tinha ficado muito convencido.

- Isso é fixe. Gostei de ouvir.

- Como? – Ouvir o que o homem dizia é que não era fácil pois, entretanto, as conversas paralelas das restantes pessoas haviam reatado, à volta dos temas do aquecimento global, indústria cosmética e dos sempre mencionados transportes na cidade de Lisboa.

- Gostei – Ele falava no seu volume normal, tornando necessária especial atenção para o ouvir, no meio da cacofonia envolvente. Só o sobrinho da barriguinha fez esse esforço, já que o seu interlocutor se dirigia a ele particularmente – Mas, diz-me: o que é que acontece se a empresa não der lucro?

O rapaz não respondeu logo. Não porque não soubesse responder, mas porque a pergunta lhe parecia, de facto, muito estranha.

- Bem, nesse caso... Quer dizer, nesse caso não seria um investimento, mas uma espécie de doação.

- E isso não seria bom.

- Eh, pois, lá está, não seria um negócio rentável, logo...

- Logo não valeria a pena investir.

- Exato – O sobrinho não estava bem a acreditar que estava a ter aquela conversa.

- E lá se ia a responsabilidade ambiental, social e um punhado de outros critérios que iam ser benéficos para todo o ecossistema.

O outro devolve-lhe um olhar vazio. Para ele, aquela conversa não fazia sentido, pura e simplesmente.

- A minha opinião, pessoal e intransmissível, é que não há sustentabilidade sobre este planeta, ou qualquer outro, se não houver um elemento de generosidade – Entretanto já tinham sido servidos os cafés, pelo que levantou a chávena e bebericou um pouco – Bem sei que ninguém pediu esta minha opinião, mas eu ofereci-a na mesma, num ato de generosidade – Termina com um toque de ironia.

Entretanto, o sobrinho já se enredara numa conversa com a namorada, em inglês. À sua volta, havia quem abordasse o tema da conta do almoço, e de como a dividir, um tema quase sempre controverso no final das refeições com muita gente. A conta do planeta, essa, de tão exorbitante e de envolver tantos milhares de milhões de pessoas, ao longo de várias gerações, continuava por pagar. Mas, apesar de tudo, alguma coisa estava a ser feita em relação a isso, como mostrava o exemplo dos eco-cosméticos. Lá está, enquanto fosse rentável.

O escritório... Aquele espaço era mais que um escritório. Ou melhor, já tinha sido a casa de uma velhota, que só via a luz do dia porque havia umas aberturas junto ao teto; já tinha sido um armazém, entre prateleiras cheias até cima com material elétrico e eletrónico. Agora, era um escritório. Depois de umas valentes obras, é possível dizer-se que se tornou um lugar agradável para trabalhar. Sabe-se lá o que se irá tornar daqui a uns anos. Ele trabalha lá, todos os dias ditos úteis, num horário dito de expediente, que faz por cumprir. Não que isso faça dos restantes dias menos úteis, mas tem a ver com a procura de um balanço saudável entre horas de trabalho e as restantes horas de uma vida.

Esse dia de trabalho seria um pouco diferente dos restantes. Ia almoçar com a mãe, evento singelo que já não acontecia há algum tempo, e a seguir viria também o pai, à partida para discutir um assunto particular relativo ao escritório. Concretamente, havia fendas nas paredes, e era preciso fazer alguma coisa a esse respeito. A irmã também estava convocada, sendo que, como trabalhava no mesmo espaço, só teria mesmo de se deslocar de uma sala para a outra para atender à reunião. Durante o almoço, fez por responder a todas as solicitações da mãe, que procurava preencher os vazios num quadro familiar fraturado ou, pelo menos, também fendilhado há bastantes anos. De volta ao escritório, passado pouco tempo estava a família reunida na sala de reuniões, curiosamente a mesma exata sala onde estavam concentradas as fendas ocorrentes. Essa sala, juntamente com as restantes naquela semicave urbana, constituía uma das áreas reabilitadas, ilegalmente construída já ninguém se lembrava quando, ou por quem. Mas parecia ser consensual que envolver a câmara municipal na reparação das fendas num espaço não licenciado era, no mínimo, arriscado. Alguma peritagem, no entanto, parecia impor-se, no sentido de relacionar as fendas com uma obra vizinha, ainda em curso. Embora lhe parecesse que resolver a questão das fendas fosse, enfim, relevante, e mesmo num sentido de responsabilizar a construtora da obra vizinha, interrogava-se sobre qual o substrato dessa preocupação por parte dos pais. Estes não trabalhavam lá, nem por outros motivos utilizavam o espaço com frequência. Talvez fosse uma ligação emocional ao espaço onde a empresa do pai tivera o armazém durante trinta anos, talvez o facto das obras terem sido pagas com o seu dinheiro. Provavelmente, ambas.

- Era preciso produzir uma espécie de relatório, algo tecnicamente válido, que demonstre que são eles os responsáveis por estas fissuras. Tu é que és o engenheiro civil, portanto...

Sentindo os nervos a crepitar, ele procura manter a calma, replicando num tom de voz baixo e inexpressivo.

- Bom... ok, tudo bem. Eu sou engenheiro civil, certo. Mas, neste caso, não posso assinar nada, do ponto de vista técnico, porque sou parte interessada. Faço parte do grupo dos queixosos, vá.

- Sim... então arranjas alguém que assine. Tu fazes a análise, e um outro engenheiro civil, da tua confiança, assina.

Para o pai, parecia importante que a perícia técnica do filho estivesse envolvida na resolução daquele problema.

- Podemos sempre tentar inculcar a responsabilidade ali aos senhores da obra, mas a ligação entre estas fendas e a obra não é óbvia. Este prédio tem cento e tal anos.

- É preciso tentar, pelo menos – Agora participava a mãe, mais preocupada com a aparente falta de iniciativa, ou complacência do filho, do que propriamente com as consequências que pudessem advir das fendas – Fala lá com alguém da obra, e expõe o caso. Eles não virão cá de livre vontade.

- Sim, vê se apanhas o diretor de obra, ou alguém da fiscalização... Já se viu que falar com encarregados de nada serve – O pai aproveita para apertar a mão do colega do filho que, menos tímido quando se tratava de falar com pessoas, já tinha por duas vezes passado na dita obra.

- Então, resumindo, vais tratar disto, certo? – A irmã, até aí silenciosa, contribui finalmente num típico estilo incisivo, no sentido de conduzir o irmão à ação.

- Certo – Ele reage com prontidão, mas não no entusiasmo de albergar mais aquele assunto para tratar; no caso concreto, era só mesmo para tentar encurtar a reunião cujo desfecho já conhecia desde o início e que se condensava na sua responsabilidade em resolver o assunto.

- Olha, e vê lá, quando lá fores, se lhes mostras realmente que isto é para eles arranjam – A mãe parecia bem-disposta, na reprimenda humorada ao filho – Senão, estou mesmo a ver, ainda te pões a dizer que as fendas se calhar não têm nada a ver com eles, e que escusam de cá vir porque o prédio é muito antigo, etc. – O tom dela era, genuinamente, de alguém que estava a imaginar algo engraçado.

Mas o filho não gostou. De repente, sentiu um nó no estômago, e um calor a ascender-lhe às bochechas. Já não era a primeira vez que a sua mãe, junto de outras pessoas de família, expunha o que para ela constituía ser uma ridícula complacência perante o mundo. Aquele rapaz parecia padecer de uma incorrigível fé na humanidade, de um ingénuo e inquietante otimismo que o tornava mole e vulnerável. Ainda assim, não ripostou. Mas também não forçou um sorriso. Ficou simplesmente calado e, por momentos, o momento tornou-se apenas esquisito. O incómodo resultante terá sido sentido por todos.

- Olhem, e como está a empresa? – Para desanuviar o ambiente e, provavelmente, porque também queria genuinamente saber, o pai pergunta. Mas o tom já carrega, em si, um início de desânimo.

O colega do filho, habituado a tomar iniciativa em reuniões, e também porque sabia que este último não tinha uma particular preferência por falar, discorre o possível em resposta. Eram os problemas do costume: falta de tesouraria, imenso trabalho, incapacidade de arranjar ajuda, atrasos nos pagamentos dos clientes, etc. O desânimo do pai do seu colega confirmava-se: a empresa continuava nas ruas da amargura.

- Oh pá, vocês metam os clientes a pagar mais vezes... sejam criativos! Inventem fases, qualquer coisa para que quando chegarem ao final do trabalho, já só falte uns cinco ou dez por cento, não mais – Com a sua experiência de uma vida inteira a gerir empresas de engenharia, o pai oferecia estes e outros conselhos sempre que tinha oportunidade, mas os sócios desta empresa pareciam incapazes de os integrar devidamente na gestão da sua, que não descolava do chão por mais conselhos que fossem oferecidos.

Ambos abanavam a cabeça, em concordância, embora já soubessem que faltava algo, algum ingrediente secreto. Em todo o caso, a reunião parecia estar a terminar.

- Olhem, e já agora, queria também perguntar-vos se seria possível reatar os pagamentos da obra. Só para saber – O pai atirava o barro à parede, mas sem grande expectativa, dado o cenário já conhecido da empresa e suas parceiras na partilha daquele espaço. Pediram-se as desculpas do costume, mas não dava. Que mal havia dinheiro para salários, quanto mais.

- Vocês, pá! Um par de jovens tão promissores...

Ninguém lhe terminou a frase, mas o filho lia nas entrelinhas. Tão conhecedores, tão competentes tecnicamente, tão formados, com cursos, pós-graduações, doutoramentos e credenciais, e não conseguiam pagar uma obra que lhes possibilitava trabalhar onde estavam a trabalhar. Que tinham, nitidamente, falhado algures. E era uma pena.

Depois disso, as despedidas, beijinhos e passou-bens, o itinerário para o resto da tarde, a necessidade de voltar ao trabalho. O filho voltou para a sua secretária, mas não conseguiu pegar imediatamente nos seus afazeres. Pensamentos insinuantes ocupavam-lhe o espírito. Que era tentador, de facto, voltar as culpas para o próprio. Se calhar faltava-lhe uma certa agressividade, para vingar no mundo das empresas. Talvez fosse demasiado apegado ao trabalho bem feito, e pusesse excessivo esforço em tarefas relativamente às quais não seria necessário tanto zelo. Provavelmente sobrevalorizava o seu tempo pessoal, em vez de trabalhar doze horas por dia e prescindir de alguns fins-de-semana. Era tentador, e bem mais fácil, culpar-se pela crónica falta de dinheiro, pelas contas da empresa sempre em cima da linha vermelha, pelas horas de trabalho que pareciam nunca ser suficientes para manter uma tesouraria saudável. E que poderia, nem que fosse apenas por um instante, fazer sentido algo como ser “bom demais”. No sentido de “coração bom demais”, ou “demasiado generoso”. Mas não precisou de muito tempo para se reconectar com o que já sabia: porque se fosse por quaisquer falhas suas, então a maior parte da população padecia dessas mesmas falhas, ou outras semelhantes, e a grande fatia da humanidade seria falhada, fundamentalmente defeituosa e incapaz de gerir a sua própria vida. Sabia, no fundo, que não era assim. As pessoas faziam o melhor que podiam, nas suas circunstâncias particulares, e não existia algo concebível como ser melhor, ou pior, que o vizinho do lado. Mas traumas profundos, pessoais e sociais, percorriam ainda os vales subconscientes da nossa existência, condicionando, geração após geração, a nossa percepção de nós próprios e do mundo à nossa volta. Talvez o seu fado fosse andar, até ao fim dos seus dias, sempre na corda bamba, sem conseguir coisas básicas como angariar dinheiro suficiente para pagar uma obra da qual usufruía. Iria, no entanto, continuar a fazer o seu melhor, juntamente com todas as restantes pessoas, na certeza de que a noção de sucesso é relativa às crenças partilhadas em cada instante. E que estas podem mudar, e mudam, com a evolução do organismo social que as gera e carrega ao longo do tempo.

Desprendendo-se, suavemente, dessas reflexões, expira longamente e volta ao seu trabalho. E sorri.

Combinam encontrar-se à entrada do parque. Tinha sido ali, naquele dia, por nenhuma outra razão a não ser por ser prático, e o facto de haver vários sítios para lanchar nas redondezas. O que fazem dois tipos de meia idade, num sábado à tarde, no bairro de Alvalade? É isso, nada de extravagante; não tem de ser bola, nem gajas, nem jolas. Pode ser, por exemplo, os assuntos que mais mexem consigo: família, relações, responsabilidades, filhos. Pois é, os homens também são seres humanos, e a sua felicidade, tristeza, prazer e sofrimento orbitam quase sempre em torno das relações com outros seres humanos. Ideias de homem-macho, super-homem ou de homem perfeito são simplesmente isso: apenas ideias. Neste caso, mitos: estórias, mais ou menos elaboradas, sobre o que é ou deveria ser um homem. Muito interessantes, mas todas pecam pelo mesmo: são falsas. Os homens e as mulheres são todos feitos da mesma matéria, apenas arrumada de forma ligeiramente diferente. Então os dois amigos encontraram-se em Alvalade. Havia um café simpático, com produtos biológicos e meia-de-leite de aveia. Um sugeriu, o outro concordou, não houve discussão. Pedem o seu lanche, sentam-se. Um deles tem bastantes novidades para contar, algumas desagradáveis. Assuntos sensíveis; daqueles que poderiam conduzir a lágrimas, não fossem os usuais constrangimentos sociais de estarem num local público e existir ainda, aparentemente, uma qualquer barreira social que torna mais difícil para um homem chorar.

- Não consigo sentar-me ao lado do miúdo, 'tás a ver? – A expressão facial era tensa, e as palavras saíam ansiosas – Esta situação mexe comigo... sinto-me posto em causa. E, ainda por cima, a mãe descarta a coisa completamente, como se fosse ok o miúdo duvidar do pai quando este lhe confessa que está a ser atacado...estás a ver?

O amigo estava a ver. Estava a ver que o amigo, e sua família, estavam a atravessar uma crise, talvez uma crise sem precedentes.

- Talvez vocês possam abordar o assunto em terapia familiar...

- Terapia familiar?

- Sim, é parecido com terapia de casal, mas numa aproximação à dinâmica das relações dentro da família.

- Ah ok...E já fizeste disso?

- Fiz terapia de casal, em tempos. Como te contei. Não fizemos, de facto, terapia familiar, mas, independentemente disso, posso dar-te um contacto.

Olhou para o outro com curiosa preocupação. Não percebia bem como é que ele conseguia estar ali, a contar aquelas coisas, sem ser inundado pela emoção. Sabia, no entanto, que esta estava lá. Parecia existir toda uma estrutura mental que proibia grandes manifestações emocionais. Olhando para si, sabia também que essas estruturas, ou barreiras, eram artificiais: tinham sido criadas pelo próprio, inconscientemente, para maximizar as probabilidades de sobrevivência. Basicamente, para proteger o organismo sensível, mergulhado num ambiente hostil. Sabia também que, no contexto certo, e num ambiente seguro, essa emoção podia e iria manifestar-se.

- E tu, lá em casa, como é que estão as coisas?

- Eh pá, não sendo perfeitas, posso dizer que bastante melhor... vendo as coisas com alguma clareza, acho que é bom este estar junto com outra pessoa, sem ilusões. É que a única coisa que nos mantém ali, a viver na mesma casa, com os miúdos, é o amor que sentimos um pelo outro. Este simples facto é, ao mesmo tempo, revelador e desarmante. E tão bonito.

- É... os meus amigos que se separaram dizem todos o mesmo: que as coisas agora são melhores, são mais gratificantes.

- Processa-se muito, entretanto. E também se sofre – Vira-se para o outro e sorri – Mas vale bem a pena.

Já na rua, caminham em silêncio, lado a lado. Cada um deles sabe, na sua meia-idade, que não há fórmulas mágicas, nem arranjos rápidos. Que os tais assuntos delicados, e que tanto mexem com eles, se resolvem ao ritmo do dia-a-dia, no acumular de cenas do quotidiano. Na presença de espírito e vivendo no corpo cada momento.

O despertador toca. Apetece-me dormir mais, mas hoje tenho aulas às oito. E uma pessoa precisa de ir às aulas, não? Não que me apeteça. Apetecer, apetecer, nunca apetece. Mas á a escola, o que é que se há de fazer. Levanto-me, ainda de olhos fechados. Visto o meu robe e enfio-me na casa-de-banho. Agora já com um pouco dos olhos abertos, claro. Seguro na pila e bocejo. Masturbação? Não, isso é mais ao fim do dia, no duche. E nem sequer é todos os dias. É bom. Saio da casa-de-banho e cruzo-me com alguém no corredor. Não percebo bem quem é, mas agora tenho é fome. Arrasto os pés até à cozinha. Não preciso de pensar, sei exatamente onde estão as minhas coisas para o pequeno almoço. Preparada a tijela de flocos, curvo-me sobre esta, de colher em punho, porque custa-me menos comer assim. Uma sombra passa no limiar do meu campo de visão. Levanto a cabeça e sorrio. Gosto sempre de ver a minha mãe. Ela disse que já me tinha dado os bons dias. Vem ter comigo e abraça-me. Também a abraço, com o braço que não está a segurar na colher, e encosto a cabeça no seu ombro. Sinto-me bem. Ela sorri e pergunta-me se me levantei para ir à segunda hora. Faço-lhe uma expressão de dúvida, mas quando me aponta para o relógio, percebo. Parece que tenho de me despachar. Bom, mas os flocos primeiro. Isto de sair sempre em cima da hora tem, apesar de tudo, as suas vantagens. Uma delas é ter uma desculpa para não pôr a tijela na máquina. Volto à casa-de-banho, só para pegar na escova de dentes e enfiá-la na boca. Com a pasta, naturalmente. Consigo despir o robe, o pijama, vestir as calças e até a T-shirt, com a escova na boca. É uma arte que tenho vindo a desenvolver há uns anos a esta parte. Na casa-de-banho, mais uma vez, cuspo o que tenho na boca, e termino o serviço dos dentes. A minha mãe, do corredor, recorda-me que está a dar o primeiro toque para entrar nas aulas, nesse preciso momento. Mas é na boa, só falta calçar e tirar a bicicleta. Em poucos segundos, saio porta fora. Até logo, bom dia também para vocês. Como a primeira aula não é físico-química, é tranquilo. Essa stôra é esquisita com as horas: quer que estejam lá todos ao primeiro toque. Diz que é para isso que o primeiro toque serve. E que o segundo toque, se tem mesmo de existir, é só mesmo um recurso a evitar. Acho que ela é um bocadinho cabra, só para que conste. As aulas seguem normal. Hoje tenho aulas à tarde. Quando o pessoal começou a dar ideias de irmos almoçar ao King, pareceu-me bem. Por sorte, tinha dinheiro na mala, que já nem me lembrava como é que tinha ido lá parar. Também não me lembrei de ligar à minha mãe, a dizer que não ia almoçar a casa. Mas ela fica bem, mesmo que eu não vá almoçar a casa. Ao entrar novamente na escola, enquanto espero que dê o toque para entrar, reparo naquela miúda. Já por várias vezes tinha reparado que ela olhava para mim. Não sei porquê, nem como, nem de onde, e ela nem sequer é da minha turma. É esquisito, porque ela é só uma miúda aleatória no meio da escola, e nem sequer é particularmente bonita. Usa óculos. É curioso, sempre que reparo nisso, sinto uma coisa estranha na barriga. E não é muito agradável. Lá, mas dá o toque e eu e a malta entramos na sala. Mais matéria e cenas. O stôr de filosofia é um tipo estranho, mas, às vezes, até engraçado. Começou a falar-nos de Freud. Daquela cena dos sonhos. Que não há magia, nem premonições, nem nada. Que os nossos sonhos são feitos do nosso próprio material mental. Ele é só um stôr velho, mas até gosto dele. À saída da escola, até parecia estar quase de noite, mas talvez fosse das nuvens negras sobre a nossa cabeça. Em cima da bicicleta, ainda apanhei umas pingas grossas, antes de entrar em casa. Ah...cheguei a casa. É bom tirar os ténis, e vestir o robe. Assim, por acaso, topo um vídeo no telemóvel sobre uns manos a comentar jogos da PS. Aquilo até tinha graça, em algumas partes. Enquanto via aquilo, ao lanche, nem sei bem como, mas acabei por comer duas tostas de queijo e beber um litro de água. Ele entra na cozinha, a certa altura. Sorri, e diz qualquer coisa, mas quando tiro os fones para tentar perceber, ele já não está. Talvez tenha ido à casa-de-banho. Ele é assim, mais ou menos fixe. Tem dias, não sei bem. Às vezes, é só estranho. A minha irmã parece gostar dele, e a minha mãe também, mas elas às vezes também são estranhas. Não sei. Agora vou jogar PS. A minha mãe às vezes diz-me que só me vê a ser impulsivo quando jogo. Não sei



bem o que é que ela vê, ou ouve, mas eu sou só eu. Não sou eu numa hora normal, e depois outra pessoa quando jogo PS. Não sou maluco. O quê? Hora de jantar? Já vou. Tenho de ir à casa-de-banho. Quando chego à cozinha, já está tudo à mesa. Ponho as mãos em cima dos ombros da minha mãe. Ela amolece como um gato. Alguém mais quer esta comida? Quanto é que é para tirar? Dizem para eu tirar o que eu quiser, eu tiro. Mas depois ficam a olhar para o meu prato. Não percebo a cena: isto não é porque me distraio a tirar a comida, ou assim; é mesmo só porque tenho fome. A minha irmã vai tagarelando ao jantar, como de costume. Às vezes parece-me que ela só quer atenção. Ainda assim, a minha mãe insiste em querer saber coisas minhas. Mas conto-lhe o quê? 'Tá tudo bem. Tive dezasseis a físico-química. Encontrei o Sardinha na rua. Nada de especial. Acaba o jantar e volto para o telemóvel. Se calhar devia ir estudar matemática, mas eu sei mais ou menos aquilo. Depois peço uns apontamentos. A minha mãe mete-se comigo a dizer que, um dia, esta boa vida vai acabar. A sério que não percebo do que é que ela está a falar. Ela sorri para mim, e eu abraço-a. Eu gosto da minha vida. Antes da meia-noite vou tomar banho. Vejo o meu corpo refletido no espelho. Ele diz que, se eu treinasse, tinha um ganda caparro. Mas eu não quero ter um ganda caparro. Não sei qual é o mal de eu estar sentado no sofá. Ele gosta de escrever, eu gosto de jogar PS, sentado no sofá. Parece-me justo: cada um faz o que quer. Já me sinto cansado, vou-me deitar. E, se calhar, até vou sonhar.

Querido diário... Ainda agora comecei, e isto já está a soar mal. Porque é que eu disse à minha mãe que ia começar a escrever um diário? Não faço a mínima ideia. Mas pronto. Agora que aqui estou, mais vale escrever sobre o dia de hoje, até porque, provavelmente, será o primeiro e último dia a ser descrito neste “diário”.

Hoje não ouvi o despertador. Mas é na boa, porque só tive aulas à tarde. De manhã andei por casa, e não fiz nenhum. Nada, nicles, zero. Não estou arrependida disso, note-se. Só quis partilhar. A minha mãe saiu cedo para ir trabalhar. Eles, assim de vez em quando, vão trabalhar juntos. Não faço ideia do que fazem lá no escritório, mas deve ser alguma coisa aborrecida de morte. O meu irmão saiu do quarto a meio da manhã, e quase não se mexeu até à hora do almoço. Mais ou menos como eu. Mas lá se levantou para comer as moelas e o esparguete que a mãe tinha deixado para nós. A gente diverte-se a tentar chatear o outro, mas é mais à frente da mãe; assim só com ele não tem tanta graça. É mais cada um na sua. Pinte-me, calcei as botas e saí para a escola. A escola é uma merda, mas eu gosto da escola. Pois, soa estranho, eu sei. Vou ter com as minhas amigas, a gente enfia-se na casa-de-banho nos intervalos, não sei, é fixe. E os stôres...às vezes são tão baixo-nível que dói. Se eu fosse stôra, sei lá, acho que punha toda a gente a falar sobre as cenas de cada um. Como se a aula fosse uma espécie de sessão coletiva de psicoterapia. Provavelmente, seria apenas uma confusão monumental. O que até poderia ter a sua piada. Instituí a fofoca como parte do currículo escolar do ministério da educação. No intervalo, o Miguel mostra-me mais uma foto de uma miúda qualquer. Mais uma que ele terá andado a comer. Acho que ele só partilha essas coisas comigo porque sabe que não me vai comer. Nem eu a ele. Portanto, tá-se bem. Ainda assim, é um pouco estranho. Às vezes, sinto um pouco de pena dele. Depois das aulas, tive psi. Fui para lá sozinha. Fico contente por ter conseguido ir até lá sozinha...só não gosto de o fazer a pé. Porque cansa. Disse ao psi que achava que precisava de fazer exercício. Ele perguntou-me se esse pensamento vinha de uma vontade real de fazer exercício, do corpo a pedir, ou de uma racionalização à volta do exercício, por se acreditar, em sociedade, que é bom para a saúde das pessoas, etc. Andei ali um bocado à volta, mas não lhe soube responder. Às vezes não sei se a minha mãe lhe paga para me ajudar a lidar melhor na cena com o meu pai, ou apenas para me fazer perguntas difíceis. À saída do psi ela veio para me buscar. Eles vinham do escritório. Fizemos o caminho outra vez a pé, até casa. Não ando mais até ao final da semana, aviso já. Vim a falar com a minha mãe. Ele seguia, ao nosso lado, mais calado. Das poucas vezes que falou, foi de outras coisas que pareciam não estar relacionadas, assim como que por enigmas. É estranho. Mas, também, não parece importar-se se eu ignorar. Já em casa, e até ao jantar, fiquei no Insta, a ver as cenas do Miguel e da Cas, enquanto conversava com a Telma pelo Whatsapp. No outro dia, quando choveu bué, e ficámos sem Net, ia-me passando. Como é que é suposto eu fazer alguma coisa sem Net?! Ao jantar, voltei a não comer sopa. A minha mãe bem tenta, mas, sinceramente, não vale a pena. Não gosto, não como, ponto final. Também não fui parar ao hospital por causa disso. Perguntei ao meu irmão se me achava mimada. Porque é que lhe perguntei isso? Não sei bem... Talvez seja porque tenho medo que me digam que sim. E isso ia deixar-me chateada. E talvez tenha de me preparar para essa situação. Antes de me ir deitar ainda vi uma série, que tinha pedido para ver com a minha mãe. Confesso que, às vezes, não vejo tudo, mas é na boa porque estou com ela, e a série também não era assim tão boa. Com o fim da série, eles foram-se deitar. Faz-me confusão como é que se deitam tão cedo, tipo às dez horas...mas whatever. Eles já são velhos, portanto compreende-se. Curiosamente, pouco tempo depois, vim para o quarto. Foi aí que me lembrei da Elsa. E de como ela tinha sido um bocado cabra para mim, da última vez que estivemos juntas. Ela tem aquelas questões todas, é verdade...mas eu não tenho culpa. E é uma pena, porque gosto tanto dela. Quer dizer, quando ela não se arma em ganda estúpida. Mando-lhe

uma mensagem, mas, neste momento, já nem sequer espero que responda. Estou a escrever isto no meu caderno, sobre a minha almofada, e sinto o corpo todo enfiado na cama. Adoro a minha cama! A minha mãe disse-me que este colchão até é um bocado creepy, mas eu adoro. Assim sentir-me rodeada por ele. Bom, já não consigo manter os olhos abertos. Adeus, bye-bye, pessoas-lindas-e-maravilhosas-do-meu-coração.